

**USO DE MEDICAMENTOS PSICOTRÓPICOS NA ATENÇÃO PRIMÁRIA:
ANÁLISE DA DISPENSAÇÃO EM FARMÁCIA COMUNITÁRIA****Use of psychotropic medications in primary health care:
analysis of dispensing in a community pharmacy**

ISSN: 2178-7514

Vol. 18 | Nº. 1 | Ano 2025

Francisca Valéria Maciel Fernandes de Moraes¹; Aurinete Andrade de Sales¹; Cailine Ingrid Santos Freitas¹; Walber Mendes Linard²;
Anielle Torres de Melo¹; Maria Janaelvia Guimarães Paiva¹; Ana Caroline Rocha de Melo Leite³;
Francisco Wanderlei Lima Silva¹; José Damião da Silva Filho¹; Rodolfo de Melo Nunes⁴

RESUMO

Os transtornos mentais representam um desafio para a saúde pública, sendo o consumo de psicotrópicos um indicador crucial. Estudos regionais são essenciais para entender os padrões locais de prescrição. Analisar o perfil de dispensação de medicamentos psicotrópicos em uma farmácia comercial de Limoeiro do Norte, Ceará, Brasil. Foi realizado um estudo descritivo, transversal e retrospectivo, por meio da análise de 409 prescrições de psicotrópicos de julho de 2025. Dados sobre medicamentos, classes terapêuticas, sexo do paciente e especialidade do prescritor foram coletados e analisados por estatística descritiva. Observou-se uma demanda estável, com predomínio de prescrições para o sexo feminino (64,1%). O medicamento mais prescrito foi a quetiapina 25 mg (12,2%), seguida pelo escitalopram 10 mg (9,8%). Os antidepressivos foram a classe terapêutica mais frequente (30,3%). Os médicos clínicos gerais foram os principais prescritores (69,4%). Concluiu-se que o perfil de prescrição reflete tendências nacionais e evidencia o papel central da atenção primária no manejo da saúde mental. Os achados reforçam a necessidade de ações integradas, incluindo capacitação de prescritores e fortalecimento da assistência farmacêutica, para promover o uso racional de psicotrópicos.

Palavras-chave: Psicotrópicos; uso de medicamentos; saúde mental; atenção primária à saúde.

ABSTRACT

Mental disorders pose a significant public health challenge, with the consumption of psychotropic drugs being a critical indicator. Regional studies are essential to understand local prescription patterns. To analyze the dispensing profile of psychotropic drugs in a community pharmacy in Limoeiro do Norte, Ceará, Brazil. A descriptive, cross-sectional, retrospective study was conducted by analyzing 409 prescriptions for psychotropic drugs from July 2025. Data on medications, therapeutic classes, patient gender, and prescriber specialty were collected and analyzed using descriptive statistics. A stable demand was observed, with a predominance of prescriptions for females (64.1%). The most prescribed drug was quetiapine 25 mg (12.2%), followed by escitalopram 10 mg (9.8%). Antidepressants were the most frequent therapeutic class (30.3%). General practitioners were the main prescribers (69.4%). The study concluded that the prescription profile reflects national trends and underscores the central role of primary care in mental health management. The findings highlight the need for integrated actions, including prescriber training and strengthening pharmaceutical care, to promote the rational use of psychotropic drugs.

Keywords: Psychotropic drugs; drug utilization; mental health; primary health care.

1. Centro Universitário Multiversa do Jaguaribe (UNIJAGUARIBE), Aracati, Ceará, Brasil.

2. Centro Universitário Fametro (UNIFAMETRO), Fortaleza, Ceará, Brasil.

3. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Redenção, Ceará, Brasil.

4. Universidade Federal do Ceará.

Autor de correspondência

Rodolfo de Melo Nunes

rodolfo_k6@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Os transtornos mentais representam um desafio significativo para a saúde pública, com impactos profundos na qualidade de vida dos indivíduos. A pandemia de COVID-19 exacerbou essa situação, levando a um aumento no diagnóstico de condições como ansiedade e depressão, bem como ao consumo de medicamentos psicotrópicos¹. Estudos recentes demonstram que a dispensação de ansiolíticos e antidepressivos cresceu consideravelmente durante esse período, refletindo a necessidade de intervenções farmacológicas para lidar com os distúrbios psicológicos decorrentes do isolamento social e da incerteza global^{2,3}.

No Brasil, pesquisas realizadas em diferentes regiões destacam padrões variados de consumo de psicotrópicos. Por exemplo, na Zona da Mata Norte de Pernambuco, observou-se um aumento significativo na dispensação de clonazepam (44,52%) e alprazolam (39,51%) durante a pandemia⁴. Em contraste, no município de Ramilândia, no Paraná, não houve aumento significativo no consumo desses medicamentos no mesmo período, possivelmente devido à disponibilidade dos fármacos no Sistema Único de Saúde². Essas disparidades regionais ressaltam a importância de estudos locais para entender as necessidades específicas de cada população.

Os psicotrópicos, que incluem antidepressivos, ansiolíticos, antipsicóticos e estabilizadores de humor, são essenciais no

tratamento de transtornos mentais, mas seu uso indiscriminado pode levar a dependência, efeitos colaterais graves e interações medicamentosas⁵. A automedicação é uma preocupação crescente, especialmente com a facilidade de acesso a esses medicamentos em farmácias comerciais⁶. Além disso, a combinação de psicotrópicos com álcool ou outras substâncias pode potencializar riscos à saúde, como sedação excessiva e comprometimento cognitivo⁷.

O farmacêutico desempenha um papel crucial na promoção do uso racional desses medicamentos, orientando os pacientes sobre posologia, efeitos adversos e interações⁸. A assistência farmacêutica qualificada pode reduzir os riscos associados ao uso prolongado ou inadequado de psicotrópicos, contribuindo para melhores resultados terapêuticos¹⁵. No entanto, a falta de padronização na prescrição e a carência de políticas públicas eficazes para saúde mental ainda são obstáculos significativos⁹.

Nesse contexto, o presente estudo tem como objetivo analisar a dispensação de medicamentos psicotrópicos em uma farmácia comercial no município de Limoeiro do Norte, identificando os fármacos mais prescritos, as classes terapêuticas predominantes e o perfil dos usuários. A pesquisa busca contribuir para o entendimento do padrão de consumo local, fornecer subsídios para ações educativas e destacar a importância do farmacêutico na orientação e acompanhamento dos pacientes. Além disso, os resultados podem auxiliar na

formulação de políticas públicas direcionadas à saúde mental, visando ao uso seguro e eficaz desses medicamentos.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo transversal, descritivo e retrospectivo, com abordagem quantitativa, realizado em uma farmácia comercial no município de Limoeiro do Norte-Ceará. Os dados analisados referem-se ao período de julho de 2025 e contemplam as prescrições de medicamentos psicotrópicos registradas no sistema eletrônico do estabelecimento.

A população do estudo quantitativo foi composta por todas as prescrições de medicamentos psicotrópicos (antidepressivos, ansiolíticos, antipsicóticos e estabilizadores de humor) registradas na farmácia comercial selecionada no período de 01 a 31 de julho de 2025. A amostra foi do tipo censitária e não probabilística, incluindo o universo de 409 prescrições que atenderam aos critérios de inclusão durante esse período.

Os dados quantitativos foram coletados a partir dos registros eletrônicos da farmácia, incluindo informações sobre o medicamento psicotrópico prescrito, dosagem, sexo e faixa etária dos pacientes, especialidade do prescritor e data da dispensação.

Foram estabelecidos como critérios de inclusão todas as prescrições de medicamentos psicotrópicos registradas no sistema da farmácia

no período de 01 a 31 de julho de 2025, independentemente da classe terapêutica. Já como critérios de exclusão foram usados os registros incompletos ou inconsistentes (ex.: falta de informações sobre o medicamento, dose ou dados do paciente) ou referentes a medicamentos não classificados como psicotrópicos.

Os dados quantitativos foram analisados utilizando estatística descritiva, com cálculo de frequências absolutas e relativas para identificar os medicamentos mais prescritos, classes terapêuticas predominantes, perfil dos pacientes (idade e sexo), especialidade dos prescritores e distribuição temporal. Ferramentas como o software Microsoft Excel foram utilizadas para organização e análise. Os resultados poderão ser triangulados para integrar as perspectivas quantitativa e qualitativa.

O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da instituição responsável, conforme as diretrizes da Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. A coleta de dados dos registros foi realizada após a aprovação ética. O proprietário do estabelecimento comercial assinou o TCLE, e os dados das prescrições foram anonimizados para proteger a privacidade dos usuários. Número do parecer: 7.911.502 e CAAE: 92884925.1.0000.9431.

O estudo traz benefícios como a geração de conhecimento sobre o padrão de prescrição de psicotrópicos em Limoeiro do Norte, contribuindo para a identificação de perfis de

uso e lacunas na assistência farmacêutica. Os resultados poderão subsidiar ações educativas para os usuários, fortalecendo o papel do farmacêutico na promoção do uso racional de medicamentos. Para os usuários, o risco potencial de violação de privacidade foi minimizado pela anonimização dos registros e pelo armazenamento digital.

Os dados coletados (registros) são armazenados em ambiente digital seguro, com acesso restrito à equipe de pesquisa. Os registros eletrônicos estão salvos em arquivos criptografados, e as gravações das entrevistas serão destruídas após transcrição e análise. Os dados anonimizados serão mantidos por cinco anos, conforme exigências éticas, e posteriormente descartados.

RESULTADOS

No período analisado (julho de 2025), foram registradas 409 prescrições de

medicamentos psicotrópicos, volume que se manteve estável em comparação com os meses de maio e junho do mesmo ano.

A distribuição das prescrições por sexo do paciente mostrou uma predominância do sexo feminino, que representou 64,1% (n=262) do total, enquanto o sexo masculino correspondeu a 35,9% (n=147) das prescrições. Esta proporção manteve-se idêntica à observada nos dois meses anteriores (Quadro 1).

O conjunto de dados contém 409 prescrições de medicamentos psicotrópicos durante o mês de julho de 2025, mantendo o mesmo volume dos meses anteriores (maio e junho). A distribuição permanece estável entre especialidades médicas e sexo dos pacientes.

Quadro 1. Distribuição das prescrições por sexo do paciente.

Sexo	N	%
Feminino	262	64,1%
Masculino	147	35,9%
Total	409	100%

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Em relação aos medicamentos mais prescritos, a Quetiapina 25 mg foi o fármaco mais frequente, representando 12,2% (n=50) do total. O Escitalopram 10 mg ocupou a segunda posição, com 9,8% (n=40) das prescrições, seguido pela

Pregabalina 75 mg (6,1%, n=25). A lista dos dez medicamentos mais prescritos está detalhada na Quadro 2, incluindo também o Alprazolam 1 mg (5,9%) e a Amitriptilina 25 mg (5,1%).

Quadro 2. Top 10 medicamentos mais prescritos em julho de 2025.

Posição	Medicamento	N	%
1º	Quetiapina 25 mg	50	12,2%
2º	Escitalopram 10 mg	40	9,8%
3º	Pregabalina 75 mg	25	6,1%
4º	Alprazolam 1 mg	24	5,9%
5º	Amitriptilina 25 mg	21	5,1%
6º	Sertralina 50 mg	15	3,7%
7º	Clonazepam 2 mg	13	3,2%
8º	Fluoxetina 20 mg	10	2,4%
9º	Pregabalina 150 mg	10	2,4%
10º	Alprazolam 2 mg	8	2,0%

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Quanto à distribuição por especialidade das prescrições, respectivamente. Outras especialidades, incluindo pediatras, dentistas e neurologistas, somaram os 16,1% restantes. Esta distribuição também se manteve inalterada em relação aos meses anteriores (Quadro 3).

Quanto à distribuição por especialidade médica, os médicos clínicos foram responsáveis pela maioria absoluta das prescrições, correspondendo a 69,4% (n=284) do total. Os médicos de família e os psiquiatras aparecem em seguida, com 7,6% (n=31) e 6,8% (n=28)

Quadro 3. Distribuição das prescrições por especialidade médica.

Especialidade	N	%
Médico clínico	284	69,4%
Médico de família	31	7,6%
Médico psiquiatra	28	6,8%
Médico pediatra	11	2,7%
Cirurgião dentista	6	1,5%
Médico neurologista	4	1,0%
Médico do trabalho	4	1,0%
Médico cardiologista	4	1,0%
Outras especialidades	37	9,0%
Total	409	100%

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

A análise da distribuição temporal revelou um leve aumento no número de prescrições na segunda quinzena do mês (55,7%, n=228) em comparação com a primeira quinzena (44,3%, n=181), padrão esse que se repetiu em maio e junho (Quadro 4).

Quadro 4. Distribuição temporal das prescrições por quinzena.

Período	N	%
01-15 de julho	181	44,3%
16-31 de julho	228	55,7%
Total	409	100%

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Por fim, a categorização por classe terapêutica demonstrou que os antidepressivos foram o grupo mais prescrito, representando 30,3% (n=124) do total. Os ansiolíticos constituíram o segundo grupo (20,3%, n=83), seguidos pelos antipsicóticos (16,9%, n=69). A categoria “Outros” agrupou 30,6% (n=125) das prescrições (Quadro 5).

Quadro 5. Distribuição das prescrições por classe terapêutica.

Classe Terapêutica	N	%
Antidepressivos	124	30,3%
Ansiolíticos	83	20,3%
Antipsicóticos	69	16,9%
Estabilizadores de Humor	8	2,0%
Outros	125	30,6%
Total	409	100%

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

DISCUSSÃO

A predominância observada de prescrições de medicamentos psicotrópicos para o sexo feminino em nossos dados (64,1%, n=262) alinha-se consistentemente com evidências epidemiológicas que indicam taxas de consumo mais elevadas entre mulheres em comparação aos homens, tanto em populações gerais quanto em contextos clínicos. Esse padrão pode refletir não apenas uma maior prevalência de transtornos de saúde mental, como depressão e ansiedade, em mulheres, mas também diferenças sociodemográficas e comportamentais, incluindo maior propensão à busca por cuidados de saúde e relato de sintomas.

Rodrigues et al. (2020)¹⁰, com base na Pesquisa Nacional sobre Acesso, Utilização e Promoção do Uso Racional de Medicamentos (PNAUM/2013-2014), relataram prevalência geral de uso de psicotrópicos de 8,7% entre adultos e idosos, com associações positivas significativas para o sexo feminino ($p < 0,05$),

pior autoavaliação de saúde e doenças crônicas. No estudo, antidepressivos predominaram entre adultos (55,3%), enquanto ansiolíticos foram mais comuns entre idosos (59,3%), com apenas 23% dos psicotrópicos obtidos exclusivamente pelo Sistema Único de Saúde (SUS), sugerindo barreiras de acesso que poderiam espelhar os volumes estáveis de prescrições mensais em nossos dados, possivelmente indicando demandas crônicas não atendidas integralmente nos sistemas públicos.

Da mesma forma, em um estudo naturalístico com pacientes ambulatoriais psiquiátricos holandeses (58,2% do sexo feminino), encontraram frequências mais altas de uso geral de psicotrópicos, antidepressivos e ansiolíticos em mulheres, juntamente com maior polifarmácia, independentemente da fase menopausal, e dosagens equivalentes, exceto para estabilizadores de humor em doses mais altas em homens¹¹. Fatores explicativos incluíram maior duração da doença, queixas somáticas

e visitas prévias a serviços de saúde mental entre mulheres, o que pode ressoar em nossos achados, implicando maior busca por cuidados ou diagnóstico de transtornos afetivos/ansiosos em mulheres devido a diferenças de gênero no relato de sintomas.

Em outro estudo¹², em uma amostra populacional de Campinas, Brasil, documentaram prevalência de uso de psicotrópicos de 11,7% (7,3% em homens vs. 15,8% em mulheres), com antidepressivos mais prevalentes em mulheres (44,3% vs. 25,5% em homens) e associações no sexo feminino com idade avançada, maior escolaridade, doenças crônicas e transtornos mentais comuns, contrastando com associações masculinas envolvendo cor de pele branca, inatividade ocupacional e insônia. Essa discrepância específica por sexo ressalta que nossa taxa de 64,1% de prescrições para mulheres pode encapsular não apenas maior carga de saúde mental em mulheres, mas também disparidades na busca por tratamento, necessitando de políticas sensíveis ao gênero para promover uso racional e equitativo.

Com base nesses padrões de gênero, a composição dos dez medicamentos mais prescritos em nossos dados — liderada por quetiapina 25 mg (12,2%), escitalopram 10 mg (9,8%) e pregabalina 75 mg (6,1%), e incluindo ansiolíticos como alprazolam e clonazepam, antidepressivos como amitriptilina, sertralina e fluoxetina, e anticonvulsivantes como pregabalina — reflete uma mistura de classes terapêuticas comumente encontradas em contextos de saúde mental

brasileiros. Essa distribuição espelha parcialmente achados farmacoepidemiológicos que enfatizam o uso elevado de antidepressivos e ansiolíticos entre adultos e idosos, embora a proeminência da quetiapina possa indicar protocolos locais para aplicações off-label em insônia, ansiedade ou transtorno bipolar em doses baixas.

Rodrigues et al. (2020)¹⁰ destacaram antidepressivos (55,3% em adultos) e ansiolíticos (59,3% em idosos) como as classes mais utilizadas, corroborando a presença de inibidores seletivos da recaptação de serotonina (ISRS) modernos como escitalopram, sertralina e fluoxetina em nossa lista (coletivamente ~16%), provavelmente impulsionados pelo aumento de diagnósticos de depressão e ansiedade em ambientes do SUS, onde o acesso às farmácias públicas cobre apenas 23% dos psicotrópicos.

Rolim et al. (2023)¹³, analisando dispensações em Unidades Básicas de Saúde (UBS) em Ceilândia-DF (2019-2020), identificaram fluoxetina, amitriptilina e carbamazepina como os mais dispensados, com amitriptilina notada por uso duplo em dor crônica e depressão; isso ecoa nossas classificações (amitriptilina em 5,1%, fluoxetina em 2,4%), sugerindo padrões persistentes de prescrição para antidepressivos tricíclicos e ISRS na atenção primária, em meio a flutuações induzidas pela pandemia (+45% em uma UBS, -17% em outra) que podem explicar nossa estabilidade mensal enquanto focamos em opções de preço moderado como pregabalina (8,5% combinada) para fibromialgia ou ansiedade generalizada.

Barbosa et al. (2023)¹⁴ examinaram listas de medicamentos essenciais em capitais brasileiras (2013-2022), revelando 3–14 psicotrópicos por lista, com benzodiazepínicos como clonazepam (90%) e midazolam (85,7%) mais frequentes, reforçando a ubiquidade de ansiolíticos em protocolos municipais e alinhando-se com nossas posições de clonazepam (3,2%) e alprazolam (7,9% combinado), enquanto alertam para riscos de dependência em populações predominantemente femininas e adultas (18–59 anos).

Santos et al. (2019)¹⁵, na Farmácia Básica de Congonhas-MG (2015-2016), relataram antidepressivos, ansiolíticos, anticonvulsivantes, antipsicóticos e antiparkinsonianos como classes principais, com clínicos gerais responsáveis por 63,45% das prescrições; essa diversidade paralela à nossa lista, onde antipsicóticos como quetiapina lideram (12,2%) possivelmente para insônia ou agitação em baixa dose, e anticonvulsivantes como pregabalina se destacam, consistente com um perfil de usuários majoritariamente feminino (64–66% no estudo deles, semelhante aos nossos 64,1%) atribuído à sobrecarga doméstica e discriminação no trabalho.

Siani-Morello et al. (2022)¹⁶, em farmácias comunitárias de Ribeirão Preto-SP, encontraram prevalência de 31% de uso de psicotrópicos, dominada por antidepressivos (53,5%) e benzodiazepínicos (24,6%), ligada ao sexo feminino, idade ≥ 60 anos, acompanhamento psicológico e inatividade física; embora os benzodiazepínicos compreendam ~11% em

nosso top dez, a ênfase em antidepressivos (~20% combinados) e a inclusão de pregabalina para comorbidades somáticas sugerem perfis comparáveis, destacando riscos de polifarmácia e dependência e a necessidade de iniciativas de uso racional priorizando terapias não farmacológicas na atenção primária.

No geral, enquanto antidepressivos e ansiolíticos prevalecem na literatura, a liderança da quetiapina em nossos dados pode sinalizar tendências regionais emergentes que merecem monitoramento para equidade e racionalidade no SUS.

Em relação à distribuição por prescritores, a maioria esmagadora de clínicos gerais (69,4%, n=284) em nossos dados exemplifica um padrão recorrente na atenção primária à saúde (APS) brasileira, onde generalistas atuam como porta de entrada do SUS e lidam com a maior parte das dispensações de psicotrópicos devido à escassez de especialistas. Isso corrobora evidências farmacoepidemiológicas que sublinham o papel central de clínicos gerais e médicos de família no manejo de transtornos mentais comuns como depressão e ansiedade, com psiquiatras e neurologistas contribuindo minimamente, provavelmente para casos complexos.

Rolim et al. (2023)¹³ observaram que a maioria das prescrições em UBS de Ceilândia-DF não era de neurologistas ou psiquiatras, com baixas porcentagens de especialistas (conforme Gráficos 4 e 5), atribuídas principalmente à medicina de família, clínica médica e outras áreas; eles postulam

que generalistas frequentemente renovam prescrições iniciadas por especialistas devido a lacunas de conhecimento sobre efeitos adversos ou necessidades de adesão, potencialmente fomentando uso inadequado e elevando custos públicos — uma dinâmica refletida em nossa dominância de generalistas (69,4%), implicando sobrecarga na APS e a imperatividade de treinamento para aprimorar a prescrição racional em meio à estabilidade mensal observada.

Da mesma forma, Santos et al. (2019)¹⁵ relataram clínicos gerais responsáveis por 63,45% dos psicotrópicos em Congonhas-MG, como a maior parte das consultas na APS, servindo como portais para pacientes; essa proximidade com nossos 69,4% reforça que generalistas municipais lidam com demandas crônicas de saúde mental sem suporte especializado, possivelmente explicando prescrições por dentistas (1,5% em nossos dados) para amitriptilina em dor neuropática facial, alinhando-se à diversidade de classes terapêuticas.

Siani-Morello et al. (2022)¹⁶, embora não detalhem prescritores, ligaram o uso de psicotrópicos ao acompanhamento psicológico, sugerindo iniciações por generalistas facilitam o acesso público, semelhante à nossa distribuição onde psiquiatras compreendem apenas 6,8%, refletindo barreiras a especialistas no SUS. Rodrigues et al. (2020)¹⁰ não especificaram prescritores, mas enfatizaram 23% de psicotrópicos obtidos via SUS, indicando que prescrições na APS por generalistas sustentam

o acesso, apoiando nossa predominância de generalistas e apelos por políticas de racionalização para melhorar a qualidade de vida.

Barbosa et al. (2023)¹⁴ mostraram variabilidade de psicotrópicos em listas de capitais sem foco em prescritores, mas a ubiquidade de benzodiazepínicos (ex.: clonazepam em 90%) implica prescrição rotineira por generalistas, consistente com nosso envolvimento mínimo de neurologistas (1,0%). Estencial Fernandes et al. (2018)¹² associaram uso maior em mulheres a escolaridade e transtornos mentais comuns, mas indiretamente fortalecem o serviço da APS por generalistas a demandas femininas predominantes (como em nossos 64,1%). Liemburg et al. (2025)¹¹ enfatizaram diferenças de uso por gênero sem detalhes de prescritores, mas ligaram predominância feminina a visitas prévias a saúde mental, sugerindo que generalistas iniciam tratamentos em contextos semelhantes ao brasileiro.

Coletivamente, nossos dados sublinham a dependência da APS de clínicos gerais para psicotrópicos, ecoando alertas da literatura sobre medicalização excessiva e defendendo integração de farmacêuticos e protocolos para uso racional em grupos vulneráveis.

O leve aumento nas prescrições durante a segunda quinzena do mês (55,7%, n=228) versus a primeira (44,3%, n=181), recorrente em meses anteriores, sugere um padrão intramensal potencialmente impulsionado por fatores socioeconômicos como o “efeito payday”, no qual o acesso a cuidados de saúde e dispensações

de medicamentos aumenta após o recebimento de salários ou benefícios em populações de baixa renda dependentes do SUS.

Embora os artigos anexados não abordem diretamente a temporalidade intramensal, evidências externas indicam que a utilização de medicamentos prescritos pode aumentar em até 52% no dia do pagamento, refletindo maior capacidade financeira para consultas ou copagamentos, extensível à segunda metade do mês em cenários de pagamentos quinzenais ou no final do mês anterior. Isso alinha-se indiretamente com Rolim et al. (2023)¹³, que relataram flutuações anuais (+45% e -17% em UBS de Ceilândia-DF, 2019-2020) ligadas a impactos de acesso pandêmico, implicando que variações temporais necessitam monitoramento para otimizar estoques e promover uso racional, evitando desperdícios ou interrupções no tratamento.

Finalmente, a categorização por classe terapêutica, com antidepressivos liderando (30,3%, n=124), seguidos por ansiolíticos (20,3%, n=83) e antipsicóticos (16,9%, n=69), e “outros” em 30,6% (n=125), ecoa consistentemente padrões documentados, sublinhando o alto fardo de transtornos mentais comuns como depressão e ansiedade em brasileiros atendidos pelo SUS.

Rodrigues et al. (2020)¹⁰ relataram antidepressivos em 55,3% em adultos e ansiolíticos em 59,3% em idosos (prevalência de 8,7%), ligados ao sexo feminino, pior autoavaliação de saúde e condições crônicas, com 23% de origem

no SUS potencialmente inflacionando nossa categoria “outros” via anticonvulsivantes ou estabilizadores off-label. Estancial Fernandes et al. (2018)¹² observaram antidepressivos como os mais comuns (38,2% geral, 44,3% em mulheres), com diferenças de gênero alinhando nossa liderança em antidepressivos à prevalência feminina (64,1%), enfatizando associações femininas com idade, escolaridade e transtornos mentais comuns.

Santos et al. (2019)¹⁵ listaram antidepressivos, ansiolíticos, anticonvulsivantes e antipsicóticos como os mais prescritos (63,45% por generalistas), espelhando nossas ênfases e sugerindo que “outros” inclui pregabalina (de nosso top dez) para ansiedade ou dor. Siani-Morello et al. (2022)¹⁶ encontraram antidepressivos (53,5%) e benzodiazepínicos (24,6%) dominantes (prevalência de 31%), ligados ao sexo feminino e cuidados psicológicos, corroborando nossas prioridades e riscos de polifarmácia.

Barbosa et al. (2023)¹⁴ revelaram 3–14 psicotrópicos em listas de capitais, com ansiolíticos benzodiazepínicos (clonazepam em 90%) frequentes, indicando que nossa distribuição reflete disponibilidade municipal em meio a demandas crônicas. Liemburg et al. (2025)¹¹ destacaram maior uso de antidepressivos e ansiolíticos em mulheres com polifarmácia comum, apoiando nossa composição e necessidades de intervenções sensíveis ao gênero.

Em resumo, enquanto aumentos quinzenais sinalizam influências econômicas inexploradas, a distribuição por classes reforça a

medicalização de transtornos afetivos/ansiosos no SUS, demandando treinamento de prescritores e integração de terapias não farmacológicas conforme os estudos.

CONCLUSÃO

O estudo permitiu traçar um perfil detalhado da dispensação de psicotrópicos em Limoeiro do Norte, revelando uma demanda estável e padrões alinhados com o cenário nacional. A predominância de prescrições para o sexo feminino (64,1%) e a liderança da Quetiapina 25 mg entre os medicamentos mais dispensados refletem tendências epidemiológicas e práticas terapêuticas locais específicas. A centralidade do médico clínico geral (69,4%) como principal prescritor evidencia a Atenção Primária como pilar do manejo da saúde mental na região, reforçando a necessidade de capacitação para garantir a prescrição racional.

Em síntese, os resultados destacam a importância de ações integradas que vão além da intervenção farmacológica. A consolidação de um modelo de cuidado que incorpore estratégias não medicamentosas e fortaleça o papel do farmacêutico na promoção do uso racional é fundamental. As evidências geradas subsidiam a formulação de políticas públicas locais e ações educativas, visando ao uso seguro e eficaz desses medicamentos e à melhoria da qualidade de vida da população.

REFERÊNCIAS

1. Wu Z, McGoogan JM. Characteristics and important lessons from the coronavirus disease 2019 (COVID-19) outbreak in China: Summary of a report of 72,314 cases from the Chinese Center for Disease Control and Prevention. *JAMA*. 2020
2. Martins EM, Peder LD. Análise da dispensação de medicamentos psicotrópicos em uma farmácia comercial no município de Ramlândia, Paraná. *Pesqui Soc Desenvol*. 2022;11(14).
3. Torres BMSM, et al. Psicofármacos dispensados em uma farmácia no município de João Pessoa, PB, entre janeiro e junho de 2024. *Rev Multidiscip Nordeste Mineiro*. 2025;8.
4. Lopes, J.M., Nascimento, F.B., Braga, A.O., Silva Junior, A.V., Araújo, S.V., & Leite, Y.K. (2022). Uso elevado de psicofármacos durante a pandemia da COVID-19: uma análise a partir de levantamentos epidemiológicos. *Research, Society and Development*.
5. Stahl SM. *Prescriber's guide: Stahl's essential psychopharmacology*. Cambridge: Cambridge University Press; 2020.
6. Penha INS, et al. O uso de medicamentos controlados durante a pandemia da Covid-19 distribuído em uma drogaria na região do sudoeste baiano. *Pesqui Soc Desenvol*. 2021;10(16).
7. Silva TFBX, Carvalho AR. Interações medicamentosas no âmbito hospitalar e a atuação do farmacêutico nesse cenário. *Rev Saude Desenvol*. 2019;12(13).
8. Lima GN, et al. O estigma nos transtornos mentais e atuação do profissional farmacêutico na saúde mental. 2023.
9. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Comitê Nacional para Promoção do Uso Racional de Medicamentos. *Uso de medicamentos e medicalização da vida: recomendações e estratégias*. Brasília: Ministério da Saúde; 2019.
10. Rodrigues PS, et al. Uso e fontes de obtenção de psicotrópicos em adultos e idosos brasileiros. *Cien Saude Colet*. 2020;25(11):4601-4614. doi:10.1590/1413-812320202511.35962018.
11. Liemburg EJ, et al. Gender differences in psychotropic medication use: A naturalistic study among psychiatric outpatients in secondary care. *J Clin Psychopharmacol*. 2025. doi:10.1097/JCP.0000000000002083.
12. Estancial Fernandes CS, Azevedo RCS, Goldbaum M, Barros MBA. Psychotropic use patterns: Are there differences between men and women? *PLoS One*. 2018;13(11):e0207921. doi:10.1371/journal.pone.0207921.
13. Rolim CHS, Carneiro RG, Araújo FJ. Análise do consumo de medicamentos psicotrópicos em Unidades Básicas de Saúde. *Rev Contexto Saude*. 2023;23(47):e13272. doi:10.21527/2176-7114.2023.47.13272.
14. Barbosa BAS, Costa PA, Silva EV, Galato D, Oliveira REM. Análise dos psicotrópicos nas relações de medicamentos essenciais das capitais brasileiras e do Distrito Federal. *Hygeia*. 2023;19:e1940. doi:10.14393/Hygeia1968623.
15. Santos MER, et al. Consumo de fármacos psicotrópicos em uma Farmácia Básica de Congonhas, Minas Gerais, Brasil. *Infarma Cienc Farm*. 2019;31(4):285-292. doi:10.14450/2318-9312.v31.e4.a2019.pp285-292.
16. Siani-Morello MR, et al. Psychoactive drugs in the Brazilian public health system: Use profile and associated factors. *Braz J Pharm Sci*. 2022;58:e19739. doi:10.1590/s2175-97902022e19739.

Observação: os/(as) autores/(as) declaram não existir conflitos de interesses de qualquer natureza.